

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

| | | | |
|--------------------------------------|---------------------|----------------------------------|--------|
| Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Francos de porte | |
| Anno ou 24 numeros | 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros | \$650 |
| Semestre ou 12 numeros | 1\$300 | N.º avulso ou pago à entrega | \$120 |
| ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS | | | |
| Anno ou 24 numeros | 3\$000 | Semestre ou 12 numeros | 1\$500 |

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 59

1 DE JUNHO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

COMMEMORAÇÃO DO TRICENTENARIO DE CAMÕES

Para commemorar esta data gloriosa, o OCCIDENTE publicará no dia 10 de junho proximo um supplemento, numero especial, com 12 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir, e todo allusivo á solemnidade do dia.

Este numero offerecido aos nossos assignantes, será collaborado por distinctos escriptores e poetas e adornado das seguintes gravuras:

A reprodução do grande quadro do pintor belga, professor da Academia de Bruxellas, Slingeneyer, expressamente desenhado e gravado por Manoel de Macedo e Alberto, para o OCCIDENTE: — *Camões salvando os Lusíadas do naufragio.*

Camões lendo os Lusíadas a D. Sebastião na Penha Verde, em Cintra, composição original de Manoel de Macedo.

Busto de Camões, reprodução da escultura de Simões d'Almeida, feita para o gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro.

Reprodução *fac-simile* do retrato de Camões, na idade de 48 annos, desenhado por Manoel de Faria e Sousa.

Pagina de versos em authographo com illustrações de Columbano Bordallo Pinheiro.

Desenho do convento de Santa Anna, authographo do sr. Visconde de Castilho.

Capella do convento de Santa Anna aonde se acham os ossos de Camões;

Capella dos Jeronymos para onde são trasladados os restos de Camões e de Vasco da Gama: ambos os desenhos de Isaias Newton.

Planta do convento de Santa Anna com as indicações das excavações feitas em 1855 para des-

cobrir os restos do immortal cantor dos *Lusíadas*.

Este supplemento, numero especial, é distribuido gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes.

Tambem tem direito ao mesino supplemento todas as pessoas que se subscreverem assignantes pelo corrente anno.

Avulso custa 400 réis.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Gustav. Flaubert, RAMALHO ORTIGÃO — Viagens dos srs. He menegildo Capello e Roberto Ivens na Africa

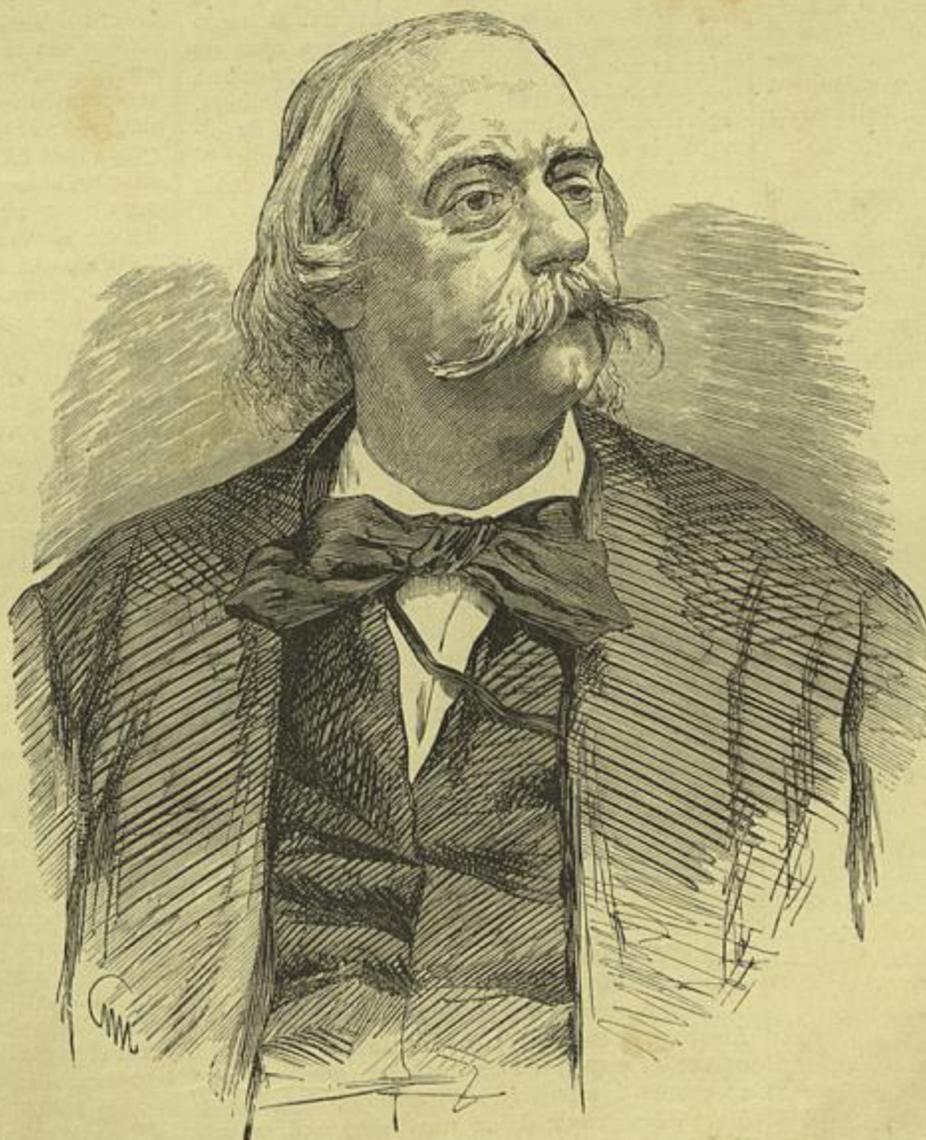
equatorial, ALBERTO DE CERVAES — José de Parada Silva Leitão, J. A. FERREIRA DA SILVA — Antonio Maria dos Santos Brilhante, R. — As nossas gravuras: Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BRITO REBELLO — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Actualidades scientificas, Motor de Tison, Z. — Bibliographia.

GRAVURAS. — Gustave Flaubert — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes em Portugal, Maceiras em flôr, quadro de Silva Porto — Cabo de Espichel, entrada da barra de Lisboa, Castello de Cezimbra, Forte do Cavallo e praia de Cezimbra — José de Parada e Silva Leitão — Viagem de exploração na Africa equatorial, Uma libata em Quioccs — Antonio Maria dos Santos Brilhante — Motor Comestico de Tison — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A cigarra já canta e o parlamento ainda legisla. Começam-se a tomar sorvetes e ainda se não acabaram de discutir projectos, o que indica até certo ponto que as *necessidades dos povos* são ás vezes mais instantes do que o repouso dos legisladores e que estes são ainda dotados do sufficiente patriotismo para derramarem por nós tantas porções de suor como porções de eloquencia.

Entretanto a tribuna de S. Bento está erma de atractivos. Apenas um ou outro jornalista cretinizado por seis mezes de discussão, e um ou outro provinciano sedento das *luctas da paluvra* em que tem ouvido fallar no seu conselho. Ninguem mais. As familias agora ou partem para o campo ou ficam em casa entregues á contemplação do mundo interior. De resto a gente percorre á noite as ruas de Lisboa e não vê ninguem. Entra na solidão dos theatros e encontra os empregarios a passearem no salão, com as mãos atraz das costas, para fingirem *multidão*. O passeio publico deserto, os arruamentos desertos. Depois das dez horas da noite Lisboa parece uma d'aquellas cidades biblicas por onde passou o flagello de Deus!



GUSTAVE FLAUBERT — Fallecido em 8 de Maio de 1880

(Segundo um desenho de Liphart)

E eu pergunto a mim mesmo: — Senhor, o que fizeste vós dos duzentos mil habitantes mencionados nas estatísticas d'esta cidade?

— Dos duzentos mil, cem mil tomam chá, e o resto resona — responde das alturas aquella voz potente, ao som da qual — n'outros tempos — tombavam as cidades e se arruinavam os imperios, quando os imperios e as cidades eram muito mais tementes a Deus do que são hoje.

As palavras de Jehovah, transmittidas ao leitor por intervenção da chronica, devem ter esclarecido o seu espirito a respeito das causas que motivam o profundo silencio em que a cidade jaz sepultada.

— Entretanto, de manhã cedo, na quadra commemorativa que vae correndo, Lisboa ainda acorda com uma ou outra idéa inspirada pelo centenário do grande épico.

O movimento accentua-se de dia para dia, se bem que se possa suppor não ser a comprehensão historica dos *Lusiadas* que opera o milagre d'actividade que se nota na rua do Oiro e no Rocio. Mas seja o que for, o que é certo é que nós poderíamos chegar até a restabelecer o sentimento da nacionalidade, levando apenas em mira fazer negocio com um novo padrão de brincos d'orelha, ou com a epopéa da nossa navegação posta em lenços de assucar. Tambem os astrologos crearam, sem pensar em tal, a astronomia, e os alchimistas a chimica.

— Mas, entre as consagrações industriaes e litterarias que nos está merecendo o nome do grande épico, uma ou outra apparece digna de menção mais demorada, e mais symptomatica d'uma energia moral que muitos pessimistas suporiam de todo extinta.

Entre outras tenho diante de mim, n'este momento, uma homenagem consagrada a Camões por Alexandre da Conceição.

Alexandre da Conceição, quer na prosa ou quer no verso, é sempre d'uma potente energia alliada á nitidez mais flagrante e á simplicidade mais austera. Desterrado não sei em que terra da provincia, á beira-mar, o seu talento adquiriu um caracter contemplativo e singello que, temperado por uma educação moderna e positiva, o assignala hoje como um dos talentos mais serios e mais solidos do nosso tempo.

Esta circumstancia de viver longe do centro aonde se accentua o movimento *camoneano*, com as suas multiplices feições, patriótica, litteraria, commercial — e varias outras, prometiu que o seu espirito se librasse n'uma atmosfera limpida e serena, e que, portanto, nos podesse dar um canto largo e magestoso, aonde se escutam os grandes accents religiosos da moderna fé scientifica; um canto em fim capaz de nos honrar e de honrar a musa da epopéa.

Eis a differença que faz estar voltado para o Oceano e advinhar o temeroso vulto de Adamastor revolvendo-se nas ondas, ou estar voltado para o Rocio e entrever um Camões de cera, exposto com um Jau do mesmo *ingrediente* na calçada de Sant'Anna.

Este facto não inspira as largas canções, inspira, quando muito, as pequenas cançonetas.

Nos versos de Alexandre da Conceição revela-se uma inspiração potente, e os seus alexandrinos são fundidos inteiros, d'um excellentemente bronze, rijo e sonoro.

Eis como elle nos pinta, por exemplo, o triumpho da Renascença:

Encontra-se, porém, um dia na poeira
O genio atheniense a alma grega inteira,
A *Illiada* d'Homero o livro colossal,
O poema da luz, o poema immortal
Suprema encarnação de forte raça aryana,
Lida ao largo sol do immenso Ramayana!
Começa a repontar então o novo dia;
A humanidade solta um grito d'alegria,
Ao sentir que lhe banha a face macerada
O orvalho da manhã e a luz da madrugada.
Dissipa-se a tristeza acorda a intelligencia,
Renasce a alma antiga, em fim renasce a sciencia,
E em toda a parte surge este immenso conflicto:
Toda a acção é revolta e toda a palavra um grito;

E a terra que chorava, idiota de terrôres
Concebe a nova luz e desata-se em flores!

Evidentemente ha n'estes versos os accordes triumphaes e o clangor estridente dos grandes hymnos.

Depois o poeta conclue o seu bello canto com este magestoso *final* que no nosso espirito evoca o soberano vulto de Camões em toda a sua altivez heroica:

Esse homem representa o espirito europeu
No que elle de mais forte e grande concebu
N'essa explosão de luz, que chamam Renascença:
O largo ideal do bello, a inspiração immensa,
A energia viril do corpo e da vontade,
O enthusiasmo do bem, o amor da liberdade,
A funda comprehensão da alma portugueza,
De que é como a expressão, a synthese, a grandeza,
A revolta constante, a clara dissidencia
Do espirito christão pelo amor da sciencia,
A robustez moral, o valor, o civismo,
O sentimento humano, o cosmopolitismo,
Que faz de nós na historia um povo excepcional
E que tornou Camões o poeta universal,
O poeta d'esta luta ingente, viva, eterna,
Luta de todo o tempo, antiga, actual, moderna,
Do espirito, da luz, do bem, da inspiração,
Do talento, do amor, da lei e da razão
Contra a força brutal, que faz bater a arteria
Da velha sociedade e o pulso da materia.
Camões fez d'essa luta o poema mais humano
Do espirito moderno, o poema do Oceano,
A *Odyssea* da Terra, a *Illiada* do Mar...

A pé, geração nova, a pé para o saudar!

— A par d'algumas consagrações dignas, como acontece sempre, vão abundando as consagrações comicas. Já se annunciam *glorias de Camões* a 30 réis: isto é; segundo creio, o grande épico posto em tabaco de fumo, e não tardará muito que a gente o possa tomar ás pitadas. Da cera ao simonte não vae mais do que um passo.

O sr. João Felix annuncia os *verdadeiros Lusiadas do seculo XIX*: isto é; a epopeia posta em vulgar sem o artificio da rima. O douto professor entendeu dever libertar a obra do grande poeta da grilheta da consoante, pondo-a em vulgar — tal qual Camões a escreveria hoje, se visse ou tivesse lido o compendio de civilidade do mesmo professor.

O processo do Sr. João Felix é pouco mais ou menos o seguinte: pega n'este verso

As armas e os barões assigalados

e corrige-o pouco mais ou menos da seguinte forma:

As armas e os barões... do Marmeleiro...

Resta saber se dada a personalidade de Camões, no momento historico actual, elle effectivamente, em vez de ter escripto a

Odyssea da terra, a Illiada do mar:

não teria, na verdade escripto os *Lusiadas* do sr. João Felix?...

— Ao perto escutam-se já os sons da harpa d'Esmeralda Cervantes, um juvenil prodigio que ha cerca de 3 annos nos visitou, e que de novo volta a Lisboa, menos juvenil um quasi nada mas, em compensação mais prodigiosa ainda.

N'este intervallo a harpista Esmeralda Cervantes tem conquistado no mundo as maiores glorias ao som da sua harpa milagrosa.

Os bombeiros da Havana nomeiam-n'a socia de merito; conventos do Perú conferem-lhe diplomas d'irmã, philarmonicas de Cuba fazem-n'a socia honoraria e até a Sublime Porta a reclama, nomeando-a harpista das embaixadas Turcas da Europa!

Já Offenbach, no livro da sua viagem á America, transcreveu, como curiosidade, todos os titulos com que esta harpista inspirada se apresenta á admiração do mundo, mas felo d'uma forma que deixa um pouco a desejar. Em musica havia de sair-lhe obra muito mais appetitosa.

Em todo o caso, se Offenbach avistasse por

acaso alguns dos nossos medalhões que, sem tocarem coisa nenhuma, ahi se apresentam hobreando em dignidades e condecorações com a protentosa Esmeralda, de certo não desistaria de os pôr, pelo menos, em opera comica.

Attenda-se mais a que a harpista que nos visita de novo n'este intervallo de cinco annos, segundo dizem os pregões da sua fama, salvou da força tres homens!

Feliz da harpa que pelo simples facto d'executar maestros consegue que o carrasco não execute criminosos!

— O espaço da chronica restringe-se e é forçoso adiar assumptos. Diante de mim ha ainda alguns livros que reclamam ao menos o dever d'uma menção, mas nem sequer os posso apontar todos ao leitor. D'esses livros o *Brazil e as Colonias* por Oliveira Martins, — o IV da Bibliotheca das Sciencias Sociaes, — é da natureza dos uteis e bons livros destinados a uma larga existencia: pôde portanto esperar. Assim o delicioso livro da sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, *Mulheres e Criações*. Duas boas e dignas obras capazes d'inspirar as honestas e justas acções.

GUILHERME D'AZEVEDO.

GUSTAVE FLAUBERT

Deu-se ha quinze annos no meu espirito uma revolução repentina e profunda. Foi para mim como um terremoto na arte. Em certo dia entrei edificado no meu quarto; sahi do meu quarto no dia seguinte demolido. Na noite intermediaria tinha lido pela primeira vez *Madame Bovary*.

Absorvi esse livro de um só trago, desde a primeira linha até á ultima, no espaço d'algumas horas, que não esquecerei nunca. O interesse d'esta obra apoderou-se de todo o meu ser, do meu espirito e do meu corpo, subjungando ao mesmo tempo todas as minhas faculdades e todos os meus nervos.

Não era um romance, como tantos que até então lera, esse livro que eu tinha nas mãos tremulas de commoção, diante dos olhos toldados de lagrimas. Era o livido cadaver humano que eu via estirado em frente de mim, descosido a orgão por orgão, desfibrado a nervo por nervo sob a ponta acerada de um fino e implacavel bisturi. Era toda a pathologia moral do mundo moderno, explicada, traço a traço, phenomeno a phenomeno, pelas lesões do nosso organismo.

E esta lição profunda, extraordinaria e tremenda, fazia-se, por um supremo esforço da arte, do modo mais simples, em trezentas paginas de uma narrativa nua e crua, como a de um auto, cujo objecto era o caso de Emma, mulher de Bovary, medico d'aldeia, residente em Yonville, a qual tendo cahido em adultério com Leão Dupuis, escrevente de tabellião, e com Rodolfo Boulanger, proprietario, se suicidara comendo n'uma botica meio frasco d'arsenico.

N'esta breve historia, em que não ha divagações nem moralidades, os factos são expostos, sem commentario algum, como se fossem vistos n'um simples espelho. Mas que portentoso poder de criação n'essas paginas impregnadas de toda a realidade da natureza e da vida! Que prodigioso processo de composição e que firmeza de estylo! Os minimos incidentes, palpitanes de verdade, são copiados, a um por um, escrupulosamente, do vivo. A palavra nitida, vibrante, poderosa, bate certa e firme na idéa, apanhando-a como no mais forte dos apparatus mechanicos, e fixando-a na pagina como n'um cunho d'aço.

Era de madrugada, quando eu acabei a leitura. Apaguei o meu candieiro, abri todas as janellas, e deixei entrar na casa, limpida, sonora e triumphante a luz da manhã.

Essa alvorada era para mim a do primeiro dia de uma nova existencia.

A grande renovação da arte moderna, que eu entrevia por entre as ruinas cada vez mais

confusas das velhas escolas, estava definitivamente fixada aos meus olhos, por uma das mais bellas obras do genio, em *Madame Bovary*. Lavei-me n'esse dia a grandes jorros de agua, purificando-me de todos os preconceitos e de todos os dogmas com que a antiga esthetica me mascarrara a pelle. Escovei-me dos ultimos restos de respeito que ainda me continham em reverencia na presença dos antigos deuses consagrados, e sempre que, depois d'esse dia, algum dos idolos referidos me passou pela porta, eu sahi á rua e deitei-lhe fogo ao andar.

Desde que li *Madame Bovary* o nome de Gustave Flaubert tornou-se para mim o symbolo da unica verdade na arte.

A noticia da prematura e inesperada morte do grande escriptor e do grande mestre aviva no meu coração o odio á mentira debaixo de todos os seus aspectos, ás falsas conveniencias, aos falsos respeitos, aos falsos enthusiasmos, e ás falsas indignações.

Accumula-se todos os dias, por toda a Europa e mais particularmente em Lisboa, nos jornaes, nas revistas periodicas, nos livros e no parlamento uma grande massa de litteratura, que tem este defeito fundamental: — mente por cobardia burgueza, mente por falta de altivez e de dignidade artistica. O que é que quer para seu deleite a grande maioria da população, inteiramente esteril de idéas, vivendo enroscada no seu egoismo, contemplando como os derviches o proprio ventre? O que esta população deseja é o que aquella litteratura lhe dá. Como uns não olham senão para o umbigo, os outros collocam-lhe um bonito sobre o umbigo, e acham-se por este modo descarregados da sua missão perante o bello.

Mas a obra d'arte não é isso. A obra d'arte é a expressão inteiramente livre e inteiramente desinteressada de uma concepção exclusivamente pessoal.

Veem-nos fallar da intervenção da moral na arte! A moral na arte consiste precisamente no dever que tem o artista de exprimir inteiramente aquillo que sente e aquillo que pensa na independencia absoluta da opinião e do gosto do publico, como sempre fez Flaubert.

Immoralidade é o burguezismo medroso, é a sujeição chata do artista á opinião boçal e ao gosto pelintra do publico.

Todo o escriptor incapaz do trabalho rude de pensar o que diz e da coragem altiva de dizer o que pensa é indigno de escrever. A pena deve-lhe ser arrancada da mão e cravada na testa, porque elle não é mais do que um deposito da substancia preta com que se fazem arabescos no papel branco: não passa de um tinteiro que verte.

Flaubert deu-me pela sua obra esta grande noção do meu dever como escriptor. Quando eu fôr o portador de uma idéa, o meu unico respeito n'este mundo será pela idéa que tiver na mão e que atravez de todos os obstaculos eu heide lançar ao publico, quer elle o queira quer não, quer elle goste quer não goste. Que diabo me importa isso?

Se em vez de servir idéas eu me occupasse, por exemplo, em servir mãosinhas de carneiro, eu perguntaria ao publico e perguntaria á critica como é que lhe agradam as mãosinhas, se as querem simples ou picantes, com molho de tomate ou com alho, porque o meu interesse seria que me comessem os petiscos e que pedissem mais. Mas com as idéas dá-se esta differença: que não é absolutamente preciso saboreal-as como se faz aos manjares; basta pô-las na mesa, e mais nada. Ellas de per si fazem o seu dever: ficam.

A exemplar indifferença de Flaubert pelo publico não transparece unicamente da sua obra, deduz-se da sua vida, recolhida como a d'um monge. Não tinha o que chamam *claque* e detestava a celebridade facil e barata.

Inutilmente procurei por muitas vezes em Paris o seu retrato. Não encontrei nunca uma photographia d'elle. Era rebelde á gloria do collodio assim como ao applauso do vulgo. A todos os respeitos, um forte. No physico assim

como no moral, a sua estatura era colossal e athletica, como a de Balzac. Quando elle atravessava o Boulevard, com o seu *veston* elegantemente abotoado, a gravata de *foulard* em grande nó e o chapéo carregado a um lado, a sua cabeça, de um volume extraordinario como a de Cuvier, passava acima de toda a multidão.

Esse gigante, que era o mais poderoso temperamento litterario do nosso tempo, fez apenas quatro livros: *Madame Bovary*, *Salambó*, *A tentação de Santo Antonio* e a *Educação Sentimental*. Apesar de escrever muito e consecutivamente, nenhum d'esses livros pôde ser feito em menos de cinco annos. Trabalhou vinte annos na *Tentação de Santo Antonio*.

Quando o jornalismo, pelos seus processos industriaes de improvisação e de redacção accelerada, tende por toda a parte a abastardar as linguas fazendo perder aos escriptores o senso idiomatico, nada mais consolador e mais salutar do que o exemplo d'esse incomparavel mestre considerando a arte uma religião e dedicando a vida inteira ao mais perfeito acabamento da sua obra. Zola, o mais glorioso dos seus discipulos, diz que Flaubert tinha por ideal a perfeição eterna.

A lingua dos romances de Flaubert constitue um modelo unico. É a lingua moderna por excellencia, dando a nota precisa de todas as commoções do homem contemporaneo, sem o maneirismo academico e sem a giria do dia. Este grande escriptor deu ao trivalismo da grande realidade humana a fórma definitiva e immortal.

RAMALHO ORTIGÃO.

VIAGENS

DOS SRS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

IV

Ficam esboçados os caracteres provaveis das terras de Futa e de Bacongo que se estendem a oeste e norte da margem esquerda do Cuango, e os das terras de Iaca que, como já vimos, formam até ao Cassai e seus afluentes, a margem direita do mesmo rio.

É nas terras de Iaca que reina o poderoso Mequianvo.

Os terrenos são ali cobertos de euphorbeaceas e de gramineas rasteiras. O paiz parece ser extremamente arido. Só ao longo dos rios se vêem plantações de mandioca, alagadas, muitas vezes, pelas cheias.

A caça, os animais domesticos são ali difficéis de encontrar. É d'ahi para leste que começa a encontrar-se, como costume generalizado, porventura como necessidade de alimentação, a anthropophagia.

Chegados ás terras de Quiteca-N'Bungo, e em frente das terras de Futa, e de Iaca, os exploradores achavam-se ante um grande problema geographico: a immediata relação da confluencia do Zaire do Cuango e do Cassai.

Os exploradores portuguezes julgam que o Cassai é o principal ramo do N'Zaire e que o Lualaba seguido por Stanley é apenas um grande afluente, por ventura o maior, vindo do norte, da sua margem direita.

Vae porém o Cuango entrar no N'Zaire, ao sul ou a leste do ponto em que entra o Lualaba? Afflue elle a oes'te d'esse ponto? Eis o que não poude ser verificado.

Mas os negros interrogados diziam aos viajantes portuguezes:

— Ha muito tempo que lá em baixo, — e apontavam para o nordeste: — Ha muito tempo que lá em baixo passou um branco n'um barco, — um grande barco que era d'elle e que não tinha o feitio das nossas canoas, — e atraz, seguindo-o, iam outros barcos, com mais homens negros!...

E quando, instando, Capello e Laens pediam aos indigenas para lhes explicarem melhor o sitio onde o barco do branco fôra visto por elles, repetiam, agitando as mãos para o horisonte.

— No Massango, no Massango!

E, *Massango*, quer dizer, na lingua do paiz o lugar onde muitos rios confluem, juntando as suas aguas.

Este Massango era pois sem duvida o ponto de confluencia de varios rios. Um d'elles era o Lualaba — Zaire, o largo rio, um dos maiores do mundo, larguissimo e extenso segundo a descripção de Stanley, recolhendo as agnas da vertente oeste d'África, como, perto relativamente, recolhe as de leste, para o norte, o grandissimo Nilo.

A principio os exploradores portuguezes estiveram embaraçados com o modo de fallar dos indigenas.

Todas as manhãs Capello e Ivens perguntavam, apontando para as aguas do Cuango, para onde ellas corriam. E os pretos, estendendo os braços para o norte, como que sentindo-se, pela lembrança, na presença de algum extraordinario espectáculo, diziam assustados:

— *Mona Calunga!... Calunga!...*

— Vae para o mar!... para o mar!...

Pelo conhecimento exacto que se possui da costa do Atlantico ao sul da embocadura do Congo, sabiam os exploradores que o Cuango não podia entrar directamente no mar.

Esse *mar* de que falavam os negros era pois o grande Zaire, o rio *largo como o mar*.

Até ao 6.º paralelo o rio que Capello e Ivens especialmente seguiram é, por todos, denominado Cuango. Indigenas mais do norte ainda, davam-lhe o mesmo nome. Todavia, á entrada supposta d'este rio no Zaire, Stanley dá o nome de Ibari-N'Kutu. N'Kutu é, além d'isso, no mappa do viajante americano, a palavra que designa o territorio que esse rio atravessa, — Wabuma N'Kutu. Não será Ibari uma corrupção de *Bahr* com que os arabes, mais para leste, designam os cursos d'agua?

Os exploradores portuguezes não tiveram a menor noticia do rio Barbella que, n'algumas cartas recentes, se suppõe sair do hypothetico lago Aquilonda.

Algumas das lagoas que occupam esta região chamam-se *Ianga*, e, mais para o norte, *Ianza*, que, com a particula *N'* formaria *N'Ianza*, que é o vocabulo que designa a leste, — *lago*, desde o M'Vutan, ao norte do Equador, até ao *N'Iassa*, ou *N'Ianza* dos Maravi, por quasi 13º de latitude sul, na provincia portugueza de Moçambique.

Para o norte d'esta região, nas terras de Futa, correm dois grandes rios: O que fica mais ao norte é o Luquiche e, mais ao sul, o Cuilu-Quiassosso. São estes os unicos afluentes da margem esquerda do Cuango. Nascerem nos sertões de Oando e nas serras do Zombo.

O grande rio do norte parece chamar-se Zaire até entrar na região montanhosa que succede ao plan'alto e o termina para oeste. Ahi, mercê dos territorios que atravessa, recebe o nome de Congo. As serranias que o apertam e atravez de cujas gargantas elle passa, caindo de cataracta em cataracta, continuam-se para o sul ao longo de toda a costa. O Zombo fórma parte d'essa cadeia de mantanhas orientada de norte a sul. É ella que estabelece a linha divisoria de aguas entre o nascente e poente.

O Caoali — Cugho correm mais ou menos directamente para o Cuango atravez do plan'alto d'África. Mas as aguas da região montanhosa esgotam-se pela vertente de oeste, directamente, para o Atlantico, pelo Lilundo mais ao norte e, depois, pelo N'Briche ou Ambriche, e pelo Loje.

N'esta ultima região o aspecto do paiz muda completamente e as grandes florestas cobrem em toda a parte os terrenos. As acacias, que no plan'alto são muito variadas mas pequenas, tornam-se altas, elegantes e corpulentas; e, de oitocentos metros acima do mar até ao nivel d'este, começa a encontrar-se o enorme Baobab. Em toda a região montanhosa apparecem como muito caracteristicos os *sycomoros*.

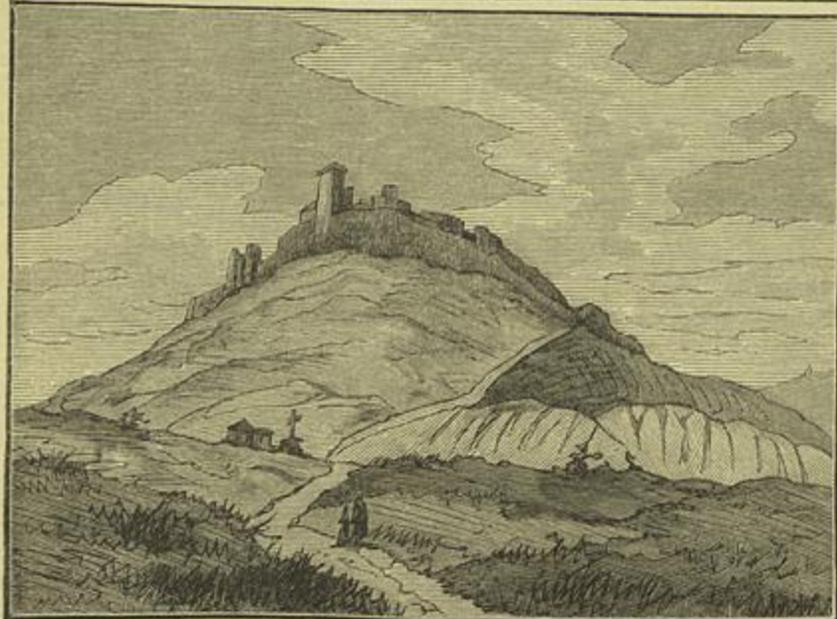
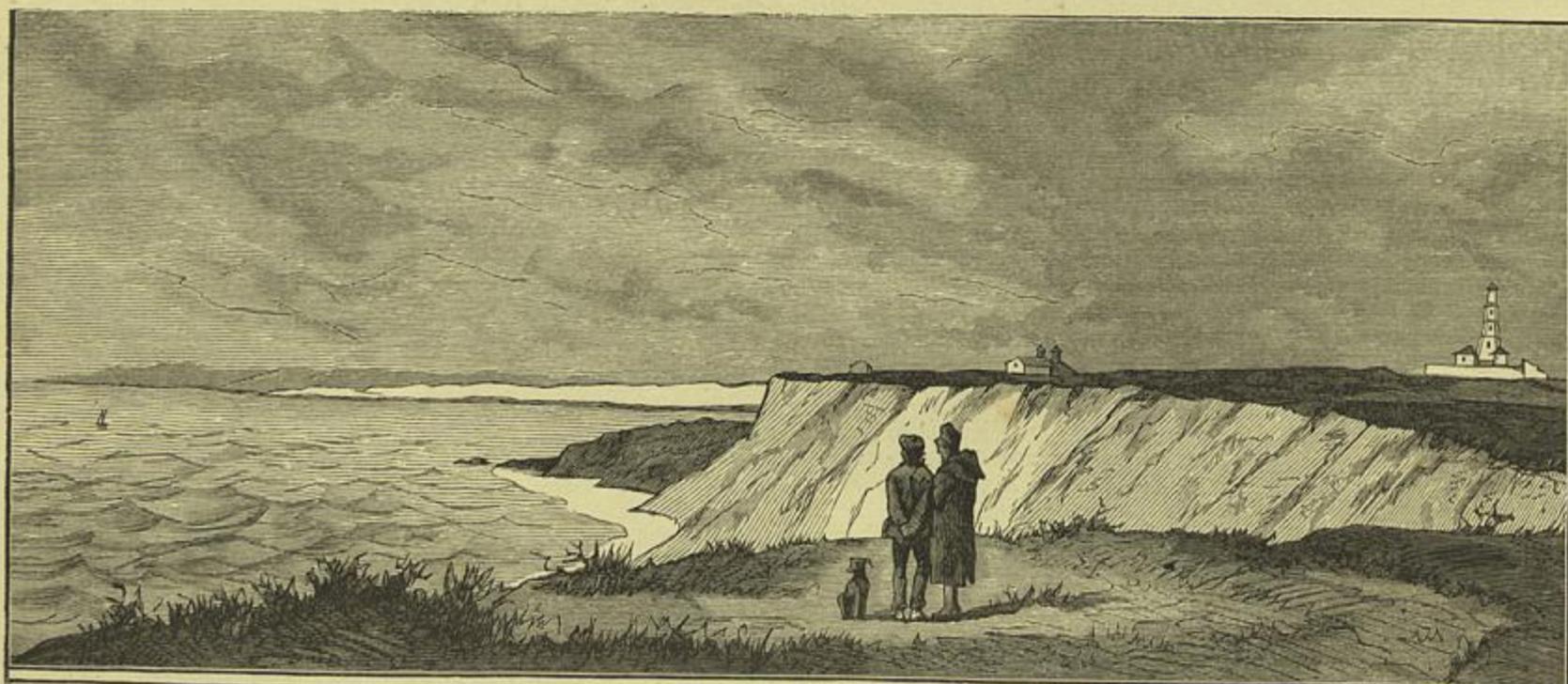
(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL



MACEIRAS EM FLOR — Quadro de Silva Porto (Desenho do mesmo auctor)

CABO DE ESPICHEL — ENTRADA DA BARRA DE LISBOA — CASTELLO DE CEZIMBRA — FORTE DO CAVALLO E PRAIA DE CEZIMBRA
(Desenhos do natural por A. Keil)

JOSÉ DE PARADA E SILVA LEITÃO

O OCCIDENTE apresentando hoje o retrato de José de Parada e Silva Leitão presta homenagem a um dos vultos mais prestantes e respeitáveis do paiz. Este varão illustre, que baixou á terra em 14 de abril ultimo, era um dos d'essa cohorte benemerita, que pondo os seus talentos sempre ao serviço das boas causas, soube tornar-se credor da benção da patria, já combatendo com a espada pela Liberdade, já educando, dirigindo e instruindo quer pela palavra, quer com a penna as gerações a quem tinham concedido aquelle dom; já illustrando as com o exemplo de uma vida honrada e virtuosa. Poucos obreiros tão dedicados, tão prestantes e, acrescentemos desde já, tão desinteressados e modestos tem contado entre nós a causa da civilização.

O sr. José de Parada e Silva Leitão nasceu em 9 de junho de 1809 em Sernache de Bomjardim, concelho da Certã. Era filho do distincto official do exercito José da Silva Leitão, que tomou parte activa na guerra peninsular, e de D. Francisca Rita de Parada e Silva Leitão.

Tendo começado os seus estudos no Seminario das Missões em Sernache, foi a oito annos para Lisboa, estudando as humanidades nas aulas do convento de S. Vicente de Fóra. Aos doze annos entrou para o collegio militar da Luz, completando o curso aos 17. Com a carta d'esse curso assentou praça em artilheria n.º 1 em 31 de agosto de 1826, como alumno aspirante a official.

Em outubro de 1826, obtida a competente licença, matriculou-se na Faculdade Mathematica na Univesidade. Interrompido n'esse anno e no seguinte o seu curso, por causa das commoções politicas que abalavam o reino, Parada Leitão só pôde continuar os seus estudos na Universidade depois de terminada a revolução liberal. É em 1837 que elle conclue a sua formatura tendo recebido plenas approvações e dois partidos, um no segundo, outro no terceiro anno.

Terminada a formatura matriculou-se na escola do exercito; mas tendo-o obrigado a vir ao Porto os movimentos politicos d'essa época, requereu a convite dos Lentes da Academia Polytechnica, a qual então se estava organisando, o logar de Lente da 8.ª cadeira (physica e mechanica industriaes), que ainda estava por prover. A sua nomeação foi confirmada por decreto de 27 de novembro de 1837 e carta regia de 31 de janeiro de 1838.

Pela sua adhesão ás idéas liberaes emigrando para a Belgica fez parte do deposito de emigrados em Ostende. Tendo noticia de que se iniciava o movimento da revolução liberal no paiz visinho do seu, dirige-se de Ostende

veram dirigir ao monarcha, testemunhando-lhe a sua fé politica e a sua lealdade á causa de D. Maria II.

D'ahi passando a Belle-Isle-en-Mer acompanha D. Pedro até os Açores, ficando em S. Jorge a servir no seu posto de alferes. Foi d'ahi que sahiu, fazendo parte do exercito dos 7:500 bravos que desembarcaram no Mindello.

Durante a campanha liberal, que seguiu até o fim, foram os seus dotes apreciados devidamente pelo general Saldanha, que o nomeou para commissões importantes.

Que provações não representam os quatro annos de lucta e de exilio, decorridos desde 1828-1832 e que rigide de character não inculcam no illustre cidadão!

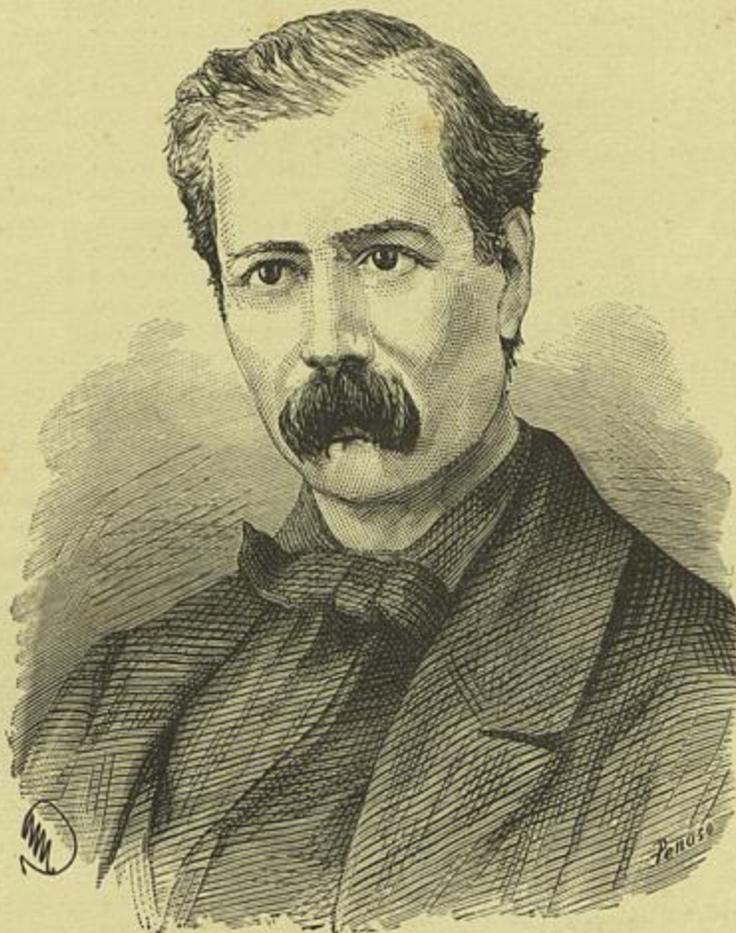
Foi depois d'este periodo que Parada Leitão, vendo triumphante a sua causa, foi cursar a faculdade de mathematica na Universidade para logo depois de completado este curso ser nomeado lente de physica da Academia Polytechnica.

Dedicando-se desde então ao magisterio não deixou contudo ainda de prestar concurso á causa liberal. Assim vê-m'o-o em 1846 alistar-se, como verdadeiro democrata, sob as bandeiras da Junta do Porto, consagrando ao triumpho d'esta revolução popular todas as suas faculdades. Na campanha havida n'esse anno e no seguinte desempenhou commissões importantes sendo a de mais duração a de ajudante general, servindo de chefe de estado maior da divisão commandada pelo marquez de Sá da Bandeira.

Na acção de Val Passos, quando procurava fazer entrar na ordem alguns corpos rebeldes, foi feito prisioneiro e conduzido para o castello de Chaves d'onde pôde evadir-se depois de muitas difficuldades, continuando em seguida ao serviço da junta até fim da lucta.

Tendo sido demittido do posto de capitão pelo partido opposto, foi de novo reintegrado n'elle, sem directa ou indirectamente o pedir e em 1851 graduado em major sem se lhe dar a effectividade desse posto por ter seguido a bandeira da

Juneta. Em consequencia d'isto abandonou com desgosto a carreira militar, dedicando-se unica e exclusivamente ao magisterio. Como professor era considerado como um dos mais distinctos do paiz, os seus discipulos admiravam n'elle a vastidão e profundesa dos seus conhecimentos e o modo como sabia relacionar em vistas luminosas os factos e as leis da bella sciencia que cultivava com tanto esmero. Aos outros estabelecimentos superiores do reino chegava a fama do seu ensino.



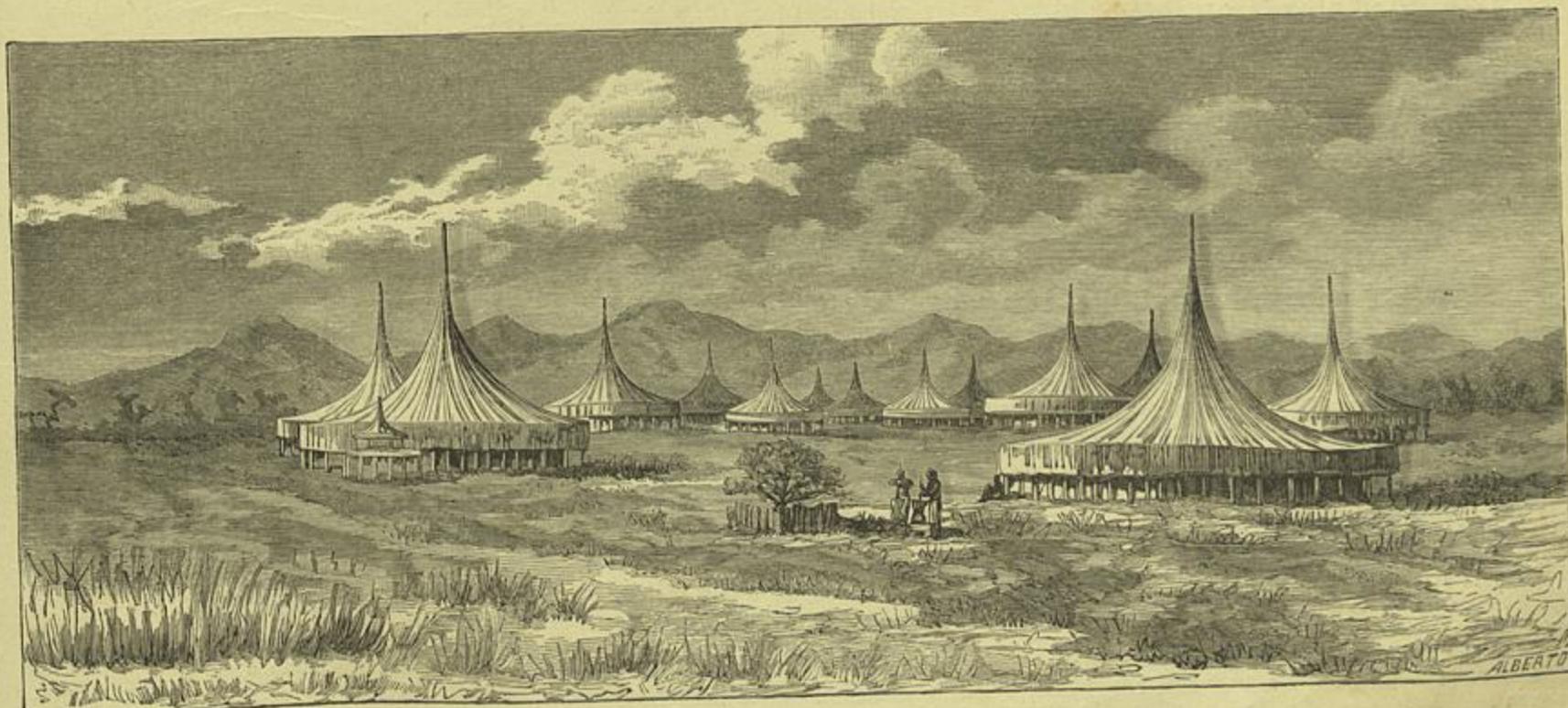
JOSÉ DE PARADA E SILVA LEITÃO

Lente da Academia Polytechnica e Instituto Industrial do Porto, fallecido em 14 de Abril de 1880
(Segundo uma photographia de Corrêa da Fonseca)

até Paris, a pé, a apresentar-se ao general Saldanha para o recommendar ao Comité de Mina. Partindo para Bayona, onde se achava este famoso general hespanho, allistou-se no denominado batalhão sagrado entrando em todas as acções.

Aniquilada esta tentativa de revolução liberal, os emigrados conservam-se ainda em Bayonna; e chegando D. Pedro a França, é elle o encarregado de redigir a representação que os seus companheiros no exilio resol-

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



UMA LIBATA EM QUIOCOS (Extrahido do album de viagens dos exploradores Capello e Ivens)

Como membro do estabelecimento de instrução a que pertencia soube mostrar quão justificada era a confiança que n'elle depositavam os seus collegas, pelo zelo com que defendeu esse estabelecimento, primeiro em 1854 quando uma voz, alias auctorizada se levantou no parlamento pedindo a suppressão d'elle; e depois em 1863 quando o Conselho geral de instrução publica, adoptando quasi a totalidade as idéas do projecto de 1854, feria profundamente a academia. São dignas de ler-se as duas representações do concelho academico n'essas duas épocas. A primeira d'ellas é mais que uma simples representação; é como bem indica o seu titulo uma *memoria sobre a instrução publica superior no Porto, e nas provincias do Norte*. — Não podendo n'esta curta noticia apreciar-as devidamente, diremos apenas que são documentos dos mais valiosos a consultar para quem tiver um dia de escrever a historia da academia.

E não foi só redigindo estas representações, como tambem pelos seus escriptos na imprensa periodica, que elle salvou a causa da academia.

Os collegas rendiam-lhe, por isso, todos os respeitos; e como prova d'esta homenagem nomearam-o para os representar na conferencia escolar official que se realisono perante o governo em 1869. Quando falleceu o muito digno director da academia, Joaquim Torquato Alvares Ribeiro, pediram-lhe que annuisse a que o concelho academico o propozesse director; o que recusou, como já recusára igual offercimento por parte do Governo da Juncta.

Como homem de sciencia e dedicado á causa da civilização deve-lhe muito o paiz e principalmente o Porto. Foi elle um dos fundadores da Associação Industrial Portuense, associação particular, destinada a ministrar aos artistas, industriaes e operarios os elementos das sciencias. Na escola d'esta associação regia a cadeira do physica.

Foi d'esta associação que depois se originou a criação da Escola Industrial do Porto, hoje Instituto Industrial, organizada por elle. Neste estabelecimento era professor de physica e director.

Foi sob a direcção de Parada Leitão que se fizeram no paiz as primeiras experiencias publicas sobre a telegraphia electrica, achando-se as estações estabelecidas uma na casa da Associação Industrial Portuense, e a outra na casa da Associação Commercial.

Como escriptor e jornalista tem sido já revelado os seus merecimentos pelos que sabem fazer a devida justiça. D'accordo com alguns seus collegas creou o *Industrial Portuense* primeiro jornal d'esta indole que existiu em Portugal, e que teve entre os seus collaboradores nomes respeitaveis.

Foi um dos redactores permanentes do *Jornal da associação industrial portuense*. Collaborou no *Instituto de Coimbra*, no *Pirata*, no *Correio das Damas*, e em outros periodicos scientificos e litterarios, bem como em alguns jornaes politicos e nomeadamente na *Estrella do Norte*, de que foi redactor effectivo algum tempo, durante o governo da junta do Porto; do *Nacional*, de que foi principal redactor, depois de pacificada a revolução do Minho.

Se consideramos o finado professor pelo lado do caracter e das qualidades do coração, muito pouco seria o que poderemos dizer, exalçando-lhe esses dotes.

Character firme e honradissimo, amigo leal e dedicado até á abnegação, chefe de familia modelo, de uma alma excessivamente compassivo, o sr. Parada Leitão era um homem verdadeiramente virtuoso e justo. Era por isso que lhe dedicavam estima sincera e quasi que veneração os que tiveram occasião de tratar com elle.

Victima de uma lesão de coração que lhe minava pouco a pouco a existencia ha 5 annos, o sr. Parada conservou até ao ultimo momento a lucidez de espirito perfeita; e morreu com a serenidade do justo que cumpre na terra a sua missão.

Era decorado com a medalha das Campanhas da Liberdade e foi espontaneamente agraciado pelo sr. D. Pedro V com a commenda da ordem de Christo. Esta prova de deferencia do illustrado monarcha era pela mesma occasião dada a José Victorino Damasio, de quem o finado era intimo amigo, e a outros portuguezes illustres.

Foi nomeado membro do Real conservatorio dramatico por proposta do Visconde de Almeida Garrett e era socio de diversas associações no paiz e do estrangeiro.

Não tenta o auctor d'estas linhas biographar um varão tão illustre. Esta biographia, certamente, se á publicada um dia. Mas presta-lhe como discipulo e mais tarde amigo e collega, uma homenagem, embora modestissima, de admiração sincera, e de respeito pela sua memoria.

A. J. FERREIRA DA SILVA.

ANTONIO MARIA DOS SANTOS BRILHANTE

O distincto e honrado medico ha pouco roubado á sciencia, era uma das individualidades mais caracteristicas da nossa sociedade, aonde se havia feito conhecer pelos dotes da sua intelligencia e pelas originalidades do seu viver.

O dr. Brillante nasceu em Alcobaga em 1821, de paes humildes a quem não sobravam bens de fortuna para lhe dar uma educação completa, tendo por isso de ser coadjuvado nos seus estudos por algumas familias da sua terra natal. Em Lisboa seguiu o curso da escola medica distinguindo-se bastante. Depois dos seus estudos concluidos não tardou em ser procurado por uma larga clientela, na qual a simplicidade e a franqueza das suas maneiras e a fama do seu tacto medico inspiravam uma profunda confiança. Foi elle um dos primeiros e mais acerrimos propugnadores da doutrina homeopathica em Portugal, e no intuito de praticar as theorias d'Hahnemann fundou no Po o de Borratem um consultorio muito conhecido e que sempre gozou d'uma justa popularidade.

O Dr. Brillante professava um verdadeiro culto, um amor entranhado e profundo pela illustração e pelo estado.

A mocidade encontrava sempre junto d'elle incitamentos e estímulos. O seu espirito em hostilidade aberta e permanente contra tudo quanto era o mundo official facilmente experimentava as commoções do verdadeiro entusiasmo quando discutia com os homens da sciencia. Aconselhava os homens novo as que estudassem. Tinha uma verdadeira fé na religião do trabalho, desprezado todos os convencionalismos que se pretendiam impor ao seu character ou á sua profissão.

São muitos os rasgos de generosidade que assignalam a existencia do dr. Brillante e lhe distinguem o bello character, e um biographo pôe-lhe nos labios as seguintes palavras que suprem por si só um largo commentario.

— O que eu detesto mais n'esta vida é quem curve a cabeça deante d'um favor que recebe e que de direito lhe pertencia! Gosto muito de tudo que é altivez! — E a sua bengala batia asperamente, fortemente no chão, muitas vezes com risco dos pés dos amigos! E continuava:

— Eu deixo um legado aos rapazes pobres d'Alcobaga. Mas fica exarado no testamento, que receberão as mensalidades com o chapéu na cabeça! Não tem nada que agradecer aos que lhe derem o dinheiro! De mim que se lembrem se quizerem, por que eu vou conscio de que pratiquei uma boa acção!

Estas palavras são o melhor elogio do homem particular e o mais eloquente epithaphio que a sua memoria merece.

Do homem da sciencia o maior elogio está na justa nomeada que adquiriu e na memoria do bom nome que soube legar aos annaes medicos do nosso paiz.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

MACEIRAS EM FLOR

Quadro de Silva Porto, desenho do mesmo auctor

Nada mais gracioso, mais vivo, mais risonho e d'um toque mais exacto, do que este pequenino quadro que na exposição de bellas-artes tem sido o enlevo de todos quantos o contemplam.

O quadro das maceiras em flor é desenhado em França, nos arredores d'Anvers, mas a exuberancia de primavera, de luz, de perfumes e de flores em que elle todo desabrocha, pôde ser exactamente a d'uma das nossas encantadoras e floridas passagens peninsulares.

Tratado com um grande vigor, á maneira moderna, com uma grande simplicidade, com uma grande exactidão de tom e de colorido, o quadro das *Maceiras* pôde reputar-se uma pequenina joia digna de ser invejada pelos verdadeiros amadores.

A *Charneca de Bellas* que demos no nosso ultimo numero, era a natureza arida e desolada. Uma paisagem em e triste, sob um ceu pesado e caliginoso. No qua-

dro das *maceiras* em flor o firmamento sorri, a atmosphera está cheia de gorgeios a natureza gloriosa expande-se n'uma exuberancia forte e salutar. Vê-se que a palheta de Silva Porto tem todos os tons, desde a côr de rosa tenue da madrugada até ao pardacento carregado das tempestades.

O OCCIDENTE continuará reproduzindo alguns trabalhos mais notaveis apresentados na Exposição da Sociedade Promotora, tanto de Silva Porto como d'outros artistas distinctos que da mesma forma tem merecido os elogios da critica.

Os estímulos officiaes são no nosso paiz muito poucos nem elles de ordinario avigoram muito a arte, é preciso pois que o gosto publico se forme e que os artistas encontrem n'elle os estímulos de que tanto carecem.

CABO D'ESPICHEL — CEZIMBRA

As gravuras que hoje figuram no OCCIDENTE completam, com as do numero anterior, os diversos detalhes do pittoresco sitio esboçado no album d'Alfredo Keil.

No desenho que representa a entrada da barra de Lisboa divisa-se no horizonte o Cabo da Roca, um pequenino promontorio que a distancia se prolonga para a direita. A esquerda vê-se o pharol construido em 1790.

O castello de Cezimbra é de edificação remota e foi mandado reconstruir por D. João IV em 1648. Foi tambem este monarcha quem mandou restaurar o pequeno forte denominado do Cavallo.

Situada a 35 kilometros ao S. O. de Lisboa, Cezimbra é das mais antigas povoações de Portugal, sendo opinião seguida por muitos de que era a Zambra dos Romanos. Foi elevada á categoria de villa em 1323, por alvará d'el-rei D. Diniz. Nos seus arredores ha excellentes minas de ferro e de trachites, e o seu solo é fertil e abundante; entretanto Cezimbra não passa d'uma simples povoação de pescadores e a pesca constitue a sua principal industria.

Esta villa era do senhorio dos duques d'Aveiro, mas esse dominio acabou com o supplicio do ultimo d'esta familia em 1759.

Cezimbra, como d'ordinario succede a grande parte das regiões mais pittorescas do nosso paiz, é desconhecida da maioria dos portuguezes que raro se abalançam ás aventurosas excursões de fóra de portas.

Todavia ha tanto que ver, que admirar, que aprender, n'esta minguada nesga de territorio, a que nós chamamos um *Jardim da Europa á beira mar plantado*, e da qual só colhemos as flores que nos não obrigam aos excessos d'um passeio de mais de meio kilometro!...

E Cezimbra merece realmente o sacrificio d'uma caminhada d'algumas horas, para ali em contemplação, no meio da natureza potente, — d'um lado o Oceano immenso, do outro as penedias agrestes! — nos absorvemos na immensidade, aspirando largos pulmões as brizas temperadas pelas emanações salubres do mar!

Entretanto não insistamos. Quem não a qulzer palpar na realidade, que veja ao menos essa paisagem no desenho.

CANÇÃO

(DE MERY)

Adeus, aldeia amiga,
Toda um jardim de flores!
Aqui o ar mitiga
E acalma as nossas dôres.

Chama-me o mundo quando
Te amava com paixão...
Irei; porém deixando,
Deixando o coração!

Adeus, adeus colinas
E vastos horisontes!
Adeus canções divinas
Das aves e das fontes!

O mundo me convida
A ir-me embora! Ai, não!
Irei, deixando a vida,
Deixando o coração.

JOÃO DE DEUS.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES

(Continuado do n.º 56)

Em seguida á morte de D. João II subiu ao throno seu primo e cunhado D. Manuel duque de Beja, que a historia chamaria o *Venturoso, Afortunado ou Feliz*.

Um dos seus primeiros cuidados foi concluir a empresa com que o defunto rei esperava coroar o seu reinado, já tão celebre pelo descobrimento do cabo da Boa Esperança.

D. Manuel achou tudo preparado para se levar a cabo a busca do caminho marítimo para a India, e logo que os primeiros cuidados do governo lhe deram lugar, empregou toda a sua actividade para concluir os aprestes da expedição, partindo Vasco da Gama e seus companheiros do porto de Lisboa a 8 de julho de 1497, para essa viagem que tão fatal havia de ser ao paiz, e de tamanhos resultados para a humanidade, e que havia de collocar o nome d'aquelle grande homem no pantheon onde a humanidade insculpe o dos varões mais portentosos.

Passada esta primeira empresa, e enquanto os novos argonautas seguem um caminho *nunca arado de extranho ou proprio lenho*, o rei que era solteiro, procurou casar-se, e para isso enviou a Castella sollicitar a mão de D. Isabel, a viuva do infeliz principe D. Alfonso, cujo casamento produziu as festas esplendorosas contadas no precedente artigo.

Repugnava á joven princeza renovar nupcias; tendia a entrar na religião, e custava-lhe voltar a Portugal, onde gozara tão pouco tempo de entranhada ventura, que um golpe cru, repentino e tremendo lhe cortou em flor, lançando-lhe na alma o mais pesado luto. A saúde porém de seu irmão principe D. João era precária e a princeza houve de ceder á vontade de seus paes e o casamento foi tractado. Mas quando D. Manuel começou a insistir na realisação dos seus projectos, D. Isabel, em quem, a gentileza e bondade do animo era offuscada pelo fanatismo que de seus paes lhe revertia, apresentou então uma condição extranha, qual era que não viria para Portugal em quanto d'elle não estivessem expulsos os judeus como annos antes sua mãe o tinha feito nos seus estados. D. Manuel decretou a expulsão, mas como para ella se operar era necessario tempo, D. Manuel tanto insistiu que por fim obteve o seu consentimento e em setembro de 1497 foram celebrados os desposorios em Valencia d'Alcantara. De Castello de Vide, onde D. Manuel já se achava, partiu para aquella cidade, onde, apesar das demoras de Fernando de Castella, que a doença de seu filho e herdeiro D. João retinha em Salamanca, se conseguiu que afinal autorisasse sua esposa a Grande Isabel a consentir n'aquelle acto. Emfim no 1.º de outubro casou D. Manuel, e logo a 4 falleceu o principe D. João. Este successo que a rainha de Castella logo soube esteve occulto em quanto D. Manuel não saiu de Hespanha. Regressado a Portugal evitou as festas que estavam preparadas e foi só depois de chegar a Evora, que communicou á rainha sua esposa a fatal noticia da morte de seu irmão, se tomou luto e se fizeram sollemnes exequias. Foram agourados os dois casamentos da gentil e fanatica filha dos reis catholicos. As festas do primeiro são como que interrompidas e aguadas pela morte da princeza Santa Joanna que el-rei D. João II, seu irmão, tanto amava; as do segundo são prejudicadas pela morte do irmão da rainha.

A esperança que havia na successão de D. João desvaneceu-se quando a sua viuva deu á luz um filho morto. Por este facto ficou D. Isabel herdeira da corôa de Castella e Aragão, e vivia ainda para presenciar todos estes successos a infeliz Joanna, a excellente senhora, a legitima e despojada senhora do throno de

Castella! Fernando e Isabel que amavam em extremo sua filha a rainha de Portugal, logo lhe communicaram as suas intenções e lhes recommendaram que se apressassem ella e seu marido a irem a Hespanha, afim de serem jurados principes herdeiros d'aquelles estados. Em consequencia d'isso D. Manuel convocou côrtes que se reuniram em Lisboa a 11 de fevereiro de 1498 e foram encerradas a 14 de março. N'ellas entre outras coisas se tratou d'esse assumpto. Em seguida a 29 de março partiram os reis de Lisboa para Evora, d'aqui para Estremoz, e d'ali para Elvas onde foram recebidos com todo o regosijo. Apesar de se recommendar pouco numeroso cortejo, ainda assim este era luzido. Acompanhavam-os D. Jorje, duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II, D. Diniz de Bragança, D. Alvaro, seu tio, o conde de Portalegre, os bispos da Guarda, Tanger e Visen, o mordomo-mór D. João de Menezes, o camareiro-mór D. João Manuel, o Almotacé-mór D. Nuno Manuel, D. Francisco d'Almeida, que havia de ser o 1.º vice-rei da India e muitos outros individuos que se haviam de tornar conhecidos nos factos heroicos da Africa da Asia e emfim de toda a vastidão do mundo que Portugal começara a devassar com as suas ousadas quilhas havia perto de um seculo.

D'Elvas sahiram os reis com a sua comitiva para Badajoz. A meia distancia da fronteira veio recebê-los o duque de Medina Sidonia com tresentos cavalleiros, ainda vestidos de luto, e com um estado de 38 caçadores cada um empunhando sua ave.

Entrados em Badajoz ali chegaram o duque de Alva, conde de Faria, bispo de Placencia, etc., foram recebidos debaixo do pallio pela gente da governança da cidade, com grande cerimonia, sendo conduzidos á Sé onde fizeram oração. De Badajoz seguiram para Toledo onde se reuniram as côrtes, e depois de n'ellas serem jurados herdeiros da corôa de Castella, partiram para o Aragão. Chegadas no 1.º de junho a Saragoça demoraram-se tres mezes, pelas duvidas que suscitavam os representantes do reino, e que só cessaram a 24 d'agosto, quando a rainha D. Isabel deu á luz o principe D. Miguel da Paz, fallecendo porém do parto a jovem rainha.

D. Manuel voltou logo a Portugal partindo de Saragoça a 8 de setembro entrando, por Almeida, Coimbra, chegou a Lisboa a 9 de outubro, deixando o filho entregue aos cuidados dos avós.

Esse principe, em cuja cabeça estiveram eminentes as tres corôas, de Portugal, Castella, e Aragão, faleceu algum tempo depois, annullando bastantes esperanças e ambições.

(Cont. ún.)

BRITO REBELLO.

DE BUENOS AIRES A PAMPA

POR CORDOBA

(Continuaçã.)

—A abra do Capitão.

—Si, el abra del capitan, acudiu Santiago Estrada. Cien veces sus aguas han escuchado mis risas y el canto de mis compañeros en las alegres regatas del domingo.

Behety recorda-se saudoso do dia em que andou por estes sitios com Luis Montero, honra e gloria do Perú!

Regressava de Roma com a sua obra immortal.

Ha sete annos.

Como o tempo passa!

Que delicioso passeio!

Que nobre caracter!

Que grande artista!

O distincto americano nascera dotado de *essa chispa mágica* que dá luz e fórma plasticas á idéas; que dá vida e relevo aos acontecimentos, e sob cuja influencia as catastrophes pas-

sadas palpitam e se debatem nos olhos do espectador com a verdade dos momentos terribes em que occorreram.

Atravez do sympathico *vén de una templanza llena de urbanidad y de modestia* sente-se alli bater o coração de um poeta nascido nos esplendores do tropico americano. A sua alma é ardente como *el sol que primero iluminó las pupilas de sus ojos, y se comprende bien que ella ha sido trasuntada al lienzo, su criatura, con todo el sublime y con la inimitable correccion de un vasto poema clasico!*

Valia a pena observá-lo, quando, julgando-se ignorado e meio occulto em um dos angulos afastados do salão onde a sua obra exhibia as magestades da arte, fixava n'ella um olhar vago e angustioso: estudava-a; e sentia talvez dentro do paterno peito a mais amarga das dôres — a da intelligencia e do genio — d'esses dois luminares que, possuindo o ideal, não poderam exprimi-lo como o sentiam; porque *el idioma de los hombres no alcanza á espresar á Dios.*

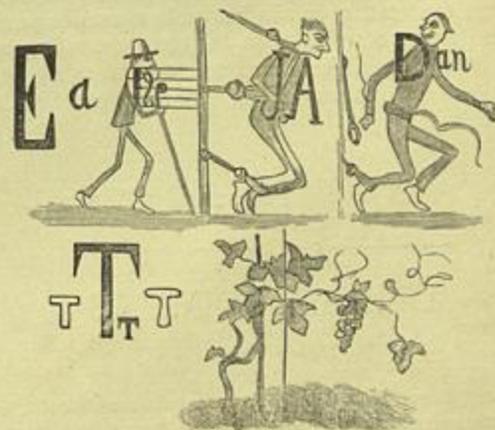
—Comprende uno entonces las canas que cobren su cabeza, y el melancólico desaliento que impregna los rasgos de su fisionomia.

Efectivamente, o quadro de Luis Montero, *Los Funerales de Atahuallpa*, é obra de um homem sério e de um momento de verdadeira inspiração. Contém a lucta de dois mundos, de duas epochas separadas por muitos seculos, que um dia se despedaçaram como n'um vasto e horrendo cataclysmo. Concentram-se n'elle todos os combates que antes sustentara a humanidade e essa tela, como as tragedias de Sophocles; e de Shakespeare, reproduz o conflicto de todas as paixões e de todos os interesses que constituem a historia humana. A barbaria e o martyrio luctam ali em nome da força e do sacrosanto direito da consciencia: o espectáculo de todas as grandezas humanas e da opulencia imperial de hontem, acha-se admiravelmente confrontado com a catastrophe espantosa de hoje: a ironia e o sarcasmo, sérios e profundos á maneira de Juvenal, andam ali de braço com a dôr. Hamlet ao lado de Falstaff; Ophelia ao lado de lady Macbeth; Valverde e Pizarro, com os frades de S. Domingos, rezam o responso da igreja catholica sobre o cadaver de Atahuallpa que acaba de ser estrangulado!!!

Concepção magnifica, que foi desempenhada com um talento profundo, com uma philosophia da historia igual á philosophia sublime dos acontecimentos, com um aprumo de idéas, com tal silencio e tal solemnidade de fórmaz que fazem d'esse quadro uma verdadeira revelação da historia antiga do Perú, como não está escripta em nenhum livro, com o estylo e com a *mágica manera* de um Macaulay.

Se Behety não fosse americano, se não tivesse a sua alma ligada pelo amor de patria ao Perú e ao Chili, como a tem ligada ao solo

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

A cavallo novo cavalleiro velho.

em que nasceu, invejaria mil vezes a terra que produziu tão modesto genio e que foi remunerada com tão esplendido trabalho!

Montero não esqueceu na tela nenhum dos elementos do poema; assim a commoção que produz é tão vasta quão completa; e a vista, ao mesmo tempo que se acha arrastada de um para outro extremo pela belleza dos *detalhes*, sente-se dominada pela unidade sublime que reconcentra a rica variedade dos accessorios n'um ponto. — *O cadaver do Inca* e o serviço catholico que em torno lhe fazem os seus assassinos!... o barbaro americano e os civilisadores europeus!... As irrisões da historia, todas junctas!

Ha n'aquelle fundo uma philosophia profunda!

A critica europea achou-o bello e verdadeiro. Não figurou na exposição de Paris, porque Luis Montero não tinha recursos para os gastos do transporte e sua collocação n'aquelle recinto: era peruano e ardia no desejo de chegar, á terra que ama, com o fructo dos seus desvelos.

Triste condição a dos homens que na America se despem das mesquinhas preocupações do mercantilismo para consagrar-se á producção de obras grandes e duradouras. Mariano Rivero tambem, outro peruano laborioso e celebre por seus trabalhos sobre as antiguidades do paiz dos Incas, viveu mendigando os recursos de que carecia para publicar o seu livro; e por fim teve que ceder os seus trabalhos e esconder o seu merito sob as azas de um estrangeiro que o publicou em Vienna, vestindo a pelle do leão.

A tela de Luis Montero tem as proporções que se requerem na pintura ao natural: contem dezeseite figuras principaes, e trinta e seis entre todas as que tomam parte na acção. D'ellas, o cadaver de Atahualpa, póde-se considerar como um esforço soberano da arte do pintor: cousa singular! o morto é o que mais vive ali. Endurecido com a espantosa expressão que a rigidez cadaverica estampa no rosto humano, é não obstante um retrato admiravel; é muito mais que um retrato, porque no olhar d'aquelles olhos apagados, n'aquelle olhar que não se vê e que é feroz, comtudo, está a historia completa da vida do Inca com toda a altivez da sua raça e da sua prepotencia. Por entre aquelles labios lividos que receberam já *el tinte acerado de la muerte*, escapa-se o mais eloquente dos protestos, e a vida d'aquella physionomia morta parece adiantar o castigo que o porvir reservava aos seus assassinos. Ayacucho e Junin pairam sobre a fronte gelada do Inca como *un consuelo* e como uma reparação longinqua das injustiças da historia; Ayacucho e Junin, disse, porque a figura e o assumpto são bastante elevados para permittir que se busque tal compensação nos infames assassinios com que se exterminaram uns aos outros os chefes d'essas turbas de bandoleiros.

(Continúa.)

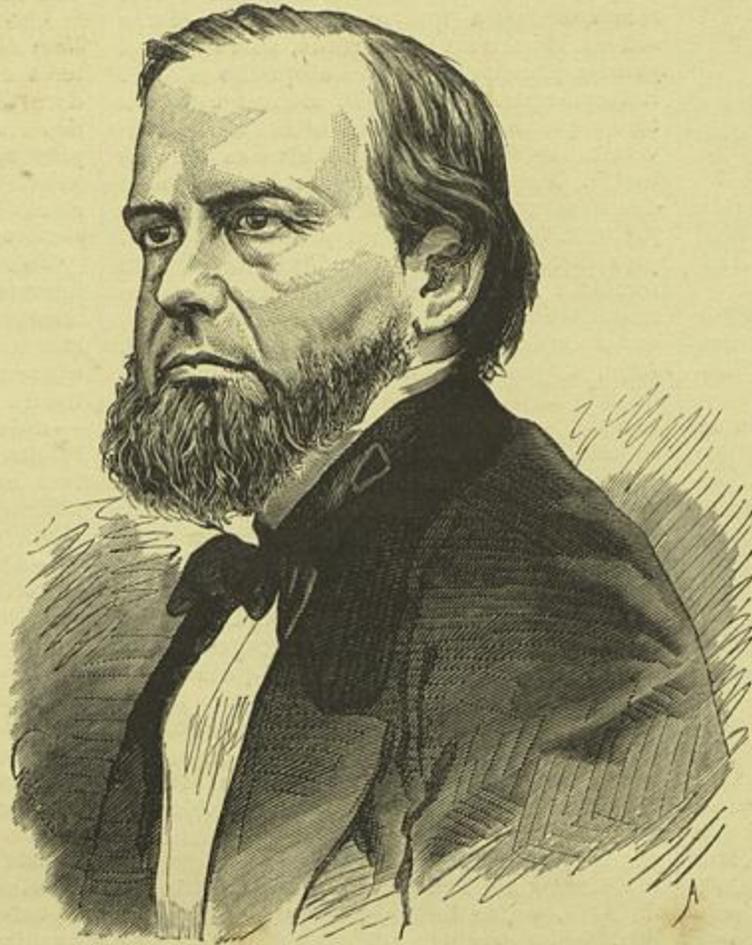
FRANCISCO D'ALMEIDA.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

Motor Tyson

O motor que hoje damos, representado em desenho, é extremamente curiozo e util pela sua facil applicação a muitas industrias, reunindo qualidades novas que o tornam digno de ser vulgarizado e conhecido do publico.

A sua caldeira, insusceptível de fazer explosão, tem apenas metade da capacidade cubica d'uma caldeira ordinaria que devesse produzir a mesma força. O combus-



ANTONIO MARIA DOS SANTOS BRILHANTE
Fallecido em 19 de Maio de 1880 (Segundo uma photographia)

tível empregado é para a mais pequena d'estas machinas o gaz e para as de maiores dimensões, a lenha ou o carvão. O que constitue o principal merito d'este motor é a segurança completa que elle apresenta. Por outro lado o seu aspecto é elegantissimo. É sobretudo adoptado para machinas de costura, movimentos ligeiros em relação a muitas pequenas industrias, em fim.



Motor domestico de Tyson

A fig. 1 representa o aspecto geral do motor. A bomba á esquerda serve para dar a pressão na camara d'ar que está ligada a um reservatorio de vapor comprimido tubo em espiral. A agua quente passa por este tubo para se transformar em vapor na sua passagem pelo cilindro.

Este vapor fica constantemente debaixo de pressão, pois que mal o movimento se produz a bomba funciona e recalca-o. Em resumo este elegante aparelho resolve d'uma maneira feliz, o problema da producção de pequenas forças ao serviço da industria domestica.

Z.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

NOÇÕES DE PHYSICA MODERNA, com numerosas applicações, por Francisco da Fonseca Benevides. — É a terceira edição d'esta importante obra devida em dois volumes. O trabalho do douto professor está julgado pelos competentes: julgado pelos professores, e aproveitado pelos discipulos, e todo o seu elogio está na justa popularidade que tem alcançado nas escolas como um dos trabalhos melhor ordenados e mais bem dispostos para o fim a que se destina. É das mais proveitosas obras de vulgarisação scientifica que nos ultimos tempos tem saído dos prelos portugueses.

AO MEU PAIZ, por D. Antonio da Costa. — Com este titulo publicou o incançavel propugnador da instrucção nacional, o incançavel auctor de tantos livros primorosos e uteis, um folheto documentado tendo por fim justificar-se d'uma arguição da commissão d'inquerito ás secretarias, que o accusava de faltar um largo periodo aos trabalhos burocraticos.

O sr. D. Antonio da Costa escusava bem de semelhante justificação. O bom senso publico faz-lhe justiça, e o futuro ainda lh'a ha de fazer melhor. Qualquer dos seus livros, de per si, representa o favor d'um estado um serviço mais valioso do que longos annos de meditações, muitas vezes improficuas, ás bancas das secretarias.

ENCYCLOPEDIA POPULAR — (*Leituras uteis*). Noções, extractos e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos humanos. — Este livro chega-nos do Brazil. É seu editor o sr. Bernardo Saturnino da Veiga, e é impresso na typographia do *Monior Sul-Mineiro*, em Campanha.

A *Encyclopedia Popular* constitue um grosso volume de mais de 700 paginas. É um repositorio de conhecimentos uteis, indicações scientificas e litterarias, postas ao alcance dos que se desejam instruir. Não ha n'este respeitavel volume noções difficeis de penetrar na grande massa dos leitores, mais ha com certeza grande acumulação de materia noticiosa, e sobretudo muito boa fé. A *Encyclopedia Popular* é dos livros que se podem chamar bons podendo-se sempre recommendar sem remorsos de consciencia. Os leitores do Brazil e Portugal tem ali muito que aprender.

OS PRECONCEITOS, drama original em 3 actos com um prologo do sr. Pinheiro Chagas. — Chega-nos de Vienna do Castello esta peça de theatro que é escripta pelo sr. Alberto da Rocha Paris, que segundo, elle mesmo confessa n'uma carta com que procede o seu trabalho, tem 17 annos. Esta circumstancia justifica as incertezas do estylo e a ingenuidade theatral que caracteriza muitas situações do drama — trabalho este d'uma natureza difficil que exige para ser perfeito condições muito complexas. Entretanto, quando se contam tão poucos annos e se escreve já assim, dá-se uma garantia de bons trabalhos futuros.

Os PRECONCEITOS, drama original em 3 actos com um prologo do sr. Pinheiro Chagas. — Chega-nos de Vienna do Castello esta peça de theatro que é escripta pelo sr. Alberto da Rocha Paris, que segundo, elle mesmo confessa n'uma carta com que procede o seu trabalho, tem 17 annos. Esta circumstancia justifica as incertezas do estylo e a ingenuidade theatral que caracteriza muitas situações do drama — trabalho este d'uma natureza difficil que exige para ser perfeito condições muito complexas. Entretanto, quando se contam tão poucos annos e se escreve já assim, dá-se uma garantia de bons trabalhos futuros.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho, 6